

EDITORIAL

POESIA, NATUREZA E PAISAGEM EM RISCO

A revista *Texto Poético*, ao reunir artigos em torno do tema “Poesia, natureza e paisagem em risco”, se inscreve no debate atual em que a concepção de natureza e paisagem é vista a partir da percepção do eu em relação ao mundo. Este dossiê propõe-se incidir sobre a relação que se estabelece, no campo da poesia, entre os escritores modernos ou contemporâneos e a natureza, a paisagem, a destruição e a ruína.

Na esteira do que preconiza Collot (2013)¹, a paisagem é (a) percebida por vários sentidos, não se restringe à visão, o que sanciona a subjetividade inerente à vivência do espaço. De fato, os valores afetivos associados à paisagem que se contempla derivam, concomitantemente, da apreensão exterior do mundo – o que é visto –, mas também da apreensão intuitiva que tal visão implica – o que é sentido.

Apesar de a figuração da paisagem, nos textos poéticos, reproduzir um cenário sob a égide da *mimesis*, a verdade é que não a imita fielmente, antes a recria, em maior ou menor escala, precisamente porque a apreensão paisagística implica – sempre – o filtro de um observador (METZGER, 2001)². No dizer de Buescu (2012, p. 194), a representação poética da paisagem remete para um espaço triplamente humanizado “pelo olhar, pela habitação vivencial e pela habitação estética”³.

¹ COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

² METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? *Biota Neotrop.*, Campinas, v. 1, n. 1-2, p. 1-9, 2001. Disponível em: <https://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/abstract?thematicreview+BN0070112200>. Acesso em: 27 abr. 2021.

³ BUESCU, Helena Carvalhão. Paisagem literária: imanência e transcendência. 193-203. In: REIS, Carlos; BERNARDES, José Augusto Cardoso; SANTANA, Maria Helena (coord.). *Uma coisa na ordem das coisas: estudos para Ofélia Paiva Monteiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2012. p. 193-203.

A partir do último quartel do século XX, as preocupações ambientais converteram-se num motivo que perpassa diversas áreas do saber. Nessa linha de abordagem, o principal escopo deste dossiê consiste em apresentar estudos que privilegiem a análise representativa – ou testemunhem – a relação que se instaura entre os humanos e o meio ambiente que os circunda. E de que forma se perspectiva essa ligação? E a paisagem? De que modo se apresenta ou representa, na poesia moderna, os espaços naturais e os urbanos? Como reflete a poesia a destruição da natureza e as transformações paisagísticas provocadas pelo homem e/ou por catástrofes naturais?

Partindo da análise do livro *Cantos do Canto*, de Fiama Hasse Pais Brandão, Lígia Bernardino, no artigo “Os laços poéticos de natureza e cultura em Fiama Hasse Pais Brandão”, convoca os entrelaçamentos que a poesia da escritora portuguesa efetua. Refletindo sobre o conceito de naturacultura, a obra de Brandão sugere que natureza e cultura são essenciais como forma de perscrutação e de conhecimento do mundo. Ao longo dos versos, o sujeito enunciador realiza um percurso que se pretende pedagógico, filiado na leitura de textos literários, na evocação de mitos greco-latinos, ou na observação atenta da natureza e dos seres vivos que a habitam. Sob a égide do olhar do sujeito poético, por vezes, os versos de Fiama traduzem um oculto desejo de se fundir com esse espaço que se observa ou escuta, com enlevo: mar, abelhas, passarinhos... No término da análise de Lígia Bernardino, constatamos que entre *natureza* e *poesia* se institui um diálogo marcado pela equidade, mesmo na diferença, pois que não se menoriza nem pretere nenhum dos conceitos. O final do poema “Canto de Orfeu” surge emoldurado apenas pela natureza e pela musicalidade do vento, a que(m) o poeta deixa a sua lira, para que a toque.

O artigo de Michel Mingote Ferreira de Ázara trata de uma abordagem dos aspectos afrodiaspóricos em *Diário de um retorno ao país natal*, do poeta martiniquenho Aimé Césaire. O estudo ressalta uma “viagem” introspectiva e reflexiva do eu lírico diante de uma natureza em ruínas. Além do mais, aponta a condição do ser negro privado do

direito de ver uma paisagem durante a viagem porque: “No espaço exíguo e fechado do navio negreiro, o direito de olhar para o exterior era negado. Dessa forma, não existia paisagem possível para os sujeitos que foram escravizados”. Em seguida, analisa a negritude e a resistência do sujeito, considerando o poema como espaço onde a relação dialética entre memória e história se entrelaça à questão da identidade cultural do negro em condição diaspórica: “a paisagem da Diáspora negra será apreendida, sobretudo na obra do poeta martiniquenho, através de um olhar rizomático, em trânsito, em diálogo constante entre o aqui e o acolá”.

Em “Desolação, dor e agonia nas paisagens e no eu de Cassiano Ricardo”, Evaldo Balbino expõe um estudo sobre a representação das paisagens na obra daquele poeta modernista brasileiro, ressaltando como o sujeito poético apresenta um olhar agônico sobre o Brasil. A viagem do eu lírico pelo país revela “o devir paisagem do sujeito”, com ênfase nas contradições que perpassam a escrita do autor – “ao lado do louvor à construção mítica de um Brasil, há também na sua poética um olhar desolador perante as paisagens”. O percurso do sujeito viajante pelo Brasil evidencia as contradições apreendidas pelo olhar meditativo e reflexivo do poeta que exhibe imagens da natureza, dos bichos e dos espaços urbanos das grandes cidades em ruínas.

Thalles Candal e Luciana Salles conduzem-nos por uma trajetória que convoca o exercício da *ekphrasis*, a leitura de uma arte por outra, e que, no caso em estudo, se consubstancia mais na interpretação da pintura que na sua descrição poética. Não será despidendo referir que a prática é antiga e o exemplo clássico mais conhecido de *ekphrasis* corresponde à descrição homérica do escudo de Aquiles, que *mostra* o mundo antigo, a partir de detalhes específicos que remetem para uma determinada cultura (COOK, 2007)⁴. Para Manguel (2001), “ler” uma pintura implica um olhar, uma perspectiva, uma visão que se coaduna

⁴ COOK, Amy L. *Narratives of Irony: Alienation, Representation, and Ethics in Carlyle, Eliot and Pater*. 2007. Doctoral Dissertation - University of Pittsburgh Arts and Sciences, Pittsburgh, 2007.

sempre com a experiência vital de quem a observa⁵. O poema de Carlos de Oliveira, composto por 10 segmentos, transporta o leitor para (um)a leitura da consagrada *Guernica*, de Pablo Picasso, um dos quadros mais emblemáticos no retrato da Guerra Civil Espanhola. O poeta equipara a casa gandraesa – que desenha com palavras – com a casa basca de Picasso, aproximando-as, pela tragédia. A perspectiva da guerra e da morte que aquela sempre acarreta surge evidenciada por recursos linguísticos, designadamente as aliteraões, que traduzem gritos e sonoridades incômodas. A utilização de metáforas na descrição do poema envolvem o leitor numa paisagem irredenta, fortemente marcada pela destruição e pela ruína: a estátua despedaçada, a criança morta, a esterilidade da terra, o choque do moderno sobre o rural.

Na seqüência, Martha Êxodo, no artigo “Desnatureza e outras paisagens éticas na poesia de Marília Floôr Kosby”, centra a sua abordagem na análise dos poemas do livro *Mugido – ou diário de uma doula* (2017), de Marília Floôr Kosby, a partir de uma reflexão sobre a paisagem do extremo sul do Brasil. O estudo traduz a relevância de uma poesia contemporânea que privilegia “uma paisagem não urbana lida por uma mulher”. A autora ressalta que o motivo da análise desse livro de poemas deve-se ao fato de “colocar em tensão as representações da vida do interior, em particular a das mulheres e dos animais”.

O dossiê fecha com uma abordagem distinta da representação usual da paisagem na poesia. A partir de uma reflexão em torno do gênero pintura natureza-morta, Priscila Nogueira Branco e Anélia Montechiari Pietran analisam o poema “Bananas podres” (1991), de Ferreira Gullar, numa perspectiva que privilegia o processo de transformação das “frutas” – inseridas no ambiente cotidiano dos seres humanos – e a introspecção do eu poético que observa as coisas, revelando uma linguagem que irá “capturar o momento agora”.

⁵ MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Este volume apresenta, ainda, três artigos que foram incluídos na seção *Vária*, pois direcionam as suas discussões para a relação que se estabelece entre poesia e visualidade e os processos intertextuais. No primeiro, Paulo Alexandre Pereira procura demonstrar que as possibilidades da arte são muito abrangentes, incidindo sobre o olhar poético de Alberto de Lacerda, cuja *poiesis* se inspira e centra na biografia artística dessa que considera uma *maga sublime* – Maria Helena Vieira da Silva. Na esteira do exercício da *ekphrasis*, põe-se em diálogo as obras da pintora e as do poeta, frisando-se o anseio daquela: pintar *como* quem escreve, ou pintar tendo como base um poema. Nesta prática, a arte escrita e a plástica originam uma espécie de metamorfose, em que as palavras dão lugar a linhas e a cores e vice-versa. Alberto de Lacerda evoca, ainda, um outro diálogo intersemiótico, remetendo para a natureza efrástica musical.

O texto de Mônica Faust preconiza uma abordagem intertextual centrada no temado erotismo em *O amor natural* (1992), de Carlos Drummond de Andrade, e *Poems of the Black Object* (2009) e *Narrative of the Brown Boy and the White Man* (2008), de Ronaldo Wilson, com o objetivo de compreender como o corpo é utilizado para abranger a identidade.

Encerra este número, o artigo “Poesia visual: subsídios teórico-metodológicos para uma leitura da serialidade”, no qual Livia Ribeiro Bertges e Vinícius Carvalho Pereira apresentam uma proposta teórico-metodológica para a “leitura da poesia visual levando em conta o fenômeno da serialidade”, considerando como objeto de estudo a poesia visual contemporânea.

Em tempos sombrios como os que estamos vivendo, a observação dos seres vivos atingidos pelas grandes catástrofes naturais e pelas provocadas pelos homens leva-nos a indagar o papel da poesia e da arte na ressignificação. Os artigos reunidos neste dossiê propiciam – e contribuem para – um estudo reflexivo que faz entrelaçar poesia, natureza e paisagem em risco, mas avocam, igualmente, diálogos intertextuais com

artes diversas e com discursos outros, que não somente a poesia, sob a égide ecrástica. São, portanto, um belo convite à leitura.

Ilca Vieira de Oliveira*
Natália Constâncio**
(Organizadoras de Dossiê)

* Professora do Departamento de Comunicação e Letras do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras – Estudos Literários e do Mestrado Profissional (PROFLETRAS) na Universidade Estadual de Montes Claros/ UNIMONTES, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Atualmente, coordena o projeto “Cartografias Poéticas: os Bichos, a Paisagem e o Jardim”, na Unimontes.

E-mail: ilcavieiradeoliveira@yahoo.com.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4361-0226>

** Investigadora Integrada do IELT (IHC-NOVA-FCSH). É colaboradora do LIT&TOUR (UAlg.), do projeto Ciclo da presença no Alto Alentejo, e integra o *Writing Urban Places WG3*. Coordena, com o Historiador Daniel Alves (IHC-NOVA-FCSH), o projeto *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*. Mais sobre o projeto aqui: <https://ielt.fcsh.unl.pt/paisagensliterarias/>.

E-mail: nconstancio@fcsh.unl.pt Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6154-162>